



RESUMOS > COMUNICAÇÕES  
Terça-feira > 17/10 > 14:00-15:30  
Auditório Baesse

Alice de Carvalho Lino Lecci > Universidade Federal de Mato Grosso

### **A Abolição revista por Zózimo Bulbul**

Na presente comunicação, propõe-se uma crítica ao documentário “Abolição” (1988) de Zózimo Bulbul com ênfase às possíveis relações entre arte, conhecimento e política. Nesta obra, o cineasta expõe relatos de pesquisadores(as) e personalidades negras na descrição de fatos relacionados às revoltas durante o período escravocrata, à abolição e ao posicionamento do Estado após a libertação. O discurso apresentado indica que na República, a população antes escravizada passa a ocupar um não lugar na sociedade brasileira, pois não há nenhuma forma de reparação para a inserção destas pessoas, como poderia ocorrer com a reforma agrária ou com o pagamento de indenizações. À luz de Walter Benjamin, pode-se dizer que no documentário a história é contada a contrapelo, sendo que o negro mostrar-se-á como sujeito da ação, denunciando injustiças e reivindicando a equidade. Zózimo propõe, portanto, uma abordagem que traz à tona fatos negligenciados, por vezes, apagados da história do Brasil.

Diante desse contexto, utilizaremos argumentos da estética de Kant e Marcuse a fim de compreender o potencial da arte na formação/educação dos sentidos e sentimentos do observador. Em Kant, discute-se o conhecimento em geral em torno da representação do objeto resultante do jogo livre entre as faculdades de conhecimento: imaginação e entendimento, no juízo de gosto da “Crítica da Faculdade do Juízo” (2005) e também as considerações acerca do “belo” como o símbolo do moralmente bom nessa mesma obra. Ademais, a partir do artigo “A sociedade como obra de arte” (1967) de Marcuse, discorre-se sobre “a função cognitiva da arte”

na contemporaneidade. Nesse sentido, a arte atual apresentaria a seu modo a “verdade” acerca das coisas e da humanidade, assim, assumiria uma nova função, a saber, “cooperar na conformação da vida mesma”

Francisco Augusto Freitas > CEFET-MG / PUC-SP

### **Miragens do deserto: a beleza segundo os nômades do Saara**

A separação entre estética, ética, política e ontologia como áreas relativamente autônomas, com fronteiras muito bem demarcadas, é uma característica típica do pensamento sedentário. Contrariamente, sob a perspectiva nômade, essas áreas são planos de convergência, de modo que as fronteiras não constituem barreiras, mas linhas de junção, tangência de territórios que se formam pelo percurso. O que distingue o nômade do sedentário não é o movimento, mas o modo de se relacionar com o espaço. Os nômades não são aqueles que mudam constantemente de lugar; segundo Deleuze, “são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar.” Assim, o mundo é visto como um espaço dinâmico, transitório, composto por elementos opostos que se articulam e se mobilizam. Nessa cosmologia, a percepção da dinâmica é um princípio estético. O conceito de beleza, numa estética antropológica, é cardinal para certas sociedades nômades do deserto do Saara, notadamente a Tuaregue e a Fulani, que se autodenominam Kel Tamacheque e WoDaaBe, respectivamente. Para os tamacheques, a beleza é o brilho efêmero e sensível do encontro entre os opostos, como a linha tênue e flutuante do horizonte, como uma miragem. Na língua Fulfulde dos WoDaaBe, existência e beleza são conceitos análogos: “isto existe” (woodi), “isto é belo” (wodi). Os WoDaaBe, que cultivam a beleza no cotidiano solitário do deserto, encontram-se anualmente numa cerimônia conhecida como festival da beleza (Geerewol), quando os guerreiros se adornam, se pintam, cantam e dançam para seduzir as mulheres, que podem escolher ou trocar de parceiros durante o festival, encenando disputas e alianças entre as linhagens. Para essas sociedades nômades, os cosméticos têm um sentido tanto estético e profilático quanto simbólico e cosmológico:

embelezar-se é harmonizar-se com o universo. Nesse sentido, a estética é ao mesmo tempo ética e política, uma incorporação (literal e simbólica) da multiplicidade.

Claudia Drucker > Universidade Federal de Santa Catarina

## **O lugar das músicas afro-americanas na filosofia da arte**

A comunicação visa expor os nichos possíveis em que a música afro-americana poderia ser tratada pelas principais tendências da filosofia contemporânea, e investigar se eles são adequados. Graças a Adorno, o jazz entra na filosofia da arte como “moda atemporal” e como tipo ideal da música que determina uma audição regressiva. A música afro-americana, para ele simples diluição de conquistas feitas há muito pela música europeia, é mercadoria ao invés de arte. Com o advento das teorias pós-modernistas da arte, abre-se outra possibilidade para o pensamento da música. Tais teorias não se inspiram de modo especial na música, mas têm a vantagem de buscar o significado da arte atual fora dos quadros históricos e teóricos anteriores. O característico da pós-modernidade é comentar sobre a falta de enquadramento histórico e teórico da arte atual. A teoria pós-moderna da arte, como encontramos em Belting e Danto, tem o atrativo de rejeitar a postura por demais excludente do modernismo e da filosofia da arte que foi a sua defensora (representado aqui por Adorno). Ainda assim, pode ser um pouco redutora para falar da música ao mesmo tempo popular e ainda remetida ao que um dia já se chamou folclore. No tempo da pop-art, ela já pode ser arte –mas apenas porque tudo o mais também, em princípio, pode ser arte. A comunicação investiga se o salvamento da música afro-americana, definida como pop, é o mais interessante. Pois o pós-modernismo, apesar de tudo, ainda localiza essas músicas dentro da história da arte europeia, quando de fato elas só são como são porque correm paralelamente a ela, não porque tenham uma história própria. Não têm, porque não forjaram seu enquadramento. Contudo, não são apenas um capítulo da arte europeia.